

# O pensamento complexo de Ciro Marcondes Filho

## *The complex thinking of Ciro Marcondes Filho*

### Gustavo de Castro da Silva<sup>1</sup>

Poeta, jornalista e antropólogo. Professor de Estética do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB).

### Resumo

Livre-pensador, Ciro Marcondes Filho foi um jornalista e filósofo brasileiro que elaborou com sua “razão durante” uma ideia de Comunicação a partir das noções de incerteza, desordem, dúvida, disjunção e indeterminação. O texto faz aproximações entre a “Nova Teoria da Comunicação” por ele proposta e o pensamento complexo, aqui entendido como desafio de rejunção e articulação entre os saberes da filosofia, da arte e da ciência. Abordamos de início o esforço de CMF por conversações teóricas e diálogos mediante encontros acadêmicos. Analisamos algumas de suas críticas teóricas, em especial a noção de ruído, auto-organização e razão-durante. Nossa metodologia foi a análise bibliográfica das obras de CMF relacionando-as às noções citadas. Nossas conclusões mostram que os princípios da razão durante se aproximam daqueles da razão complexa.

**Palavras-chave:** comunicação, complexidade, Ciro Marcondes Filho, razão durante.

### Abstract

Ciro Marcondes Filho, a freethinker, was a Brazilian journalist and philosopher who elaborated with his “reason during” an idea of Communication starting from the notions of uncertainty, disorder, doubt, disjunction and indeterminacy. The text makes approximations between the “New Theory of Communication” proposed by him and complex thinking, here understood as a challenge of rejunction and articulation between the knowledge of philosophy, art and science. We initially approached CMF’s effort to establish theoretical conversations and dialogues through academic meetings. We analyzed some of his theoretical criticisms, in particular the notion of noise, self-organization and reason-during. Our methodology was the bibliographic analysis of the works of CMF relating them to the notions mentioned. Our conclusions show that the principles of reason-during are close to those of complex reason.

**Keywords:** communication, complexity, Ciro Marcondes Filho, reason-during.

## 1. Introdução

Talvez nenhum outro pensador brasileiro do campo da Comunicação tenha alcançado o nível de sofisticação filosófica de Ciro Marcondes Filho (1948-2020), na problematização do conceito de Comunicação, sobretudo como fato inacabado, raro, difícil e incerto. Ou mesmo como seu inverso, a Incomunicação. A tarefa à qual CMF se dedicou com obsessão e afinco nos últimos 30 anos de sua vida foi a

de problematizar, num contínuo crescente, o campo, o conceito, suas filosofias, metodologias e teorias entendidas sob a forma de crise e de crítica. A partir de meados dos anos 1990, ele passou a dizer que as teorias da Comunicação estavam em ruínas, que deveriam começar tudo de novo, do zero. À necessidade de reconhecer a incapacidade e as debilidades das teorias em dar conta do fenômeno comunicacional ele chamou de “Comunicação ano zero” (1990).

Pensador audacioso, polêmico, sofisticado, CMF trabalhou dia após dia em sua Nova Teoria da Comunicação, buscando torná-la apta aos tempos de crise de paradigmas e às condições das ciências humanas: a inexistência, a

<sup>1</sup> CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8544052996023384>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7126-69474>. E-mail: [gustavo.castro@fac.unb.br](mailto:gustavo.castro@fac.unb.br)

capacidade de metamorfose, o saber metapórico<sup>2</sup>, o movimento incessante do espírito, o acontecimento e o caos. Em cursos, debates, livros, seminários, apresentações regulares no GT de Epistemologias da Compós e nos cinco encontros da Rede de Pesquisadores em Comunicação no Brasil [Itapecerica (SP), 2012; Natal (RN), 2013; São Leopoldo (RS), 2014; Parnaíba (PI), 2015 e Sorocaba (SP), 2016], pensava e repensava sua Nova Teoria da Comunicação (NTC).

No espaço de poucos dias, geralmente nos finais de semana, em hotéis, conventos, *resorts*, universidades e chalés à beira-mar, um grupo de estudantes de graduação e de pós-graduação, professores e pesquisadores do campo da Comunicação se encontravam com o objetivo de problematizar o próprio conceito, cada qual a partir de sua visada metodológica. Nos citados eventos ou naquilo que CMF nomeou (ou nomearam) de Rede de Pesquisadores em Comunicação no Brasil, revelava-se o gesto arrojado do exercício da conversa e da comunicação horizontal. CMF apostava em teorias e metodologias, mas também na arte dos encontros face a face, nas conversas pausadas, pensadas e meditadas. Nestes eventos, fazia questão de recusar a institucionalização desta mesma Rede de Pesquisa; para ele, seria como sair da intuição à instituição. Ele procurava pensar a Comunicação como *medium* de livre acoplamento, modo quase anárquico de conhecimento.

CMF não aceitava nem imaginava que a Comunicação pudesse ter um único modelo, conceito, forma, direção ou temporalidade. Entre outros resultados, o que ficou como marca daqueles encontros da Rede de Pesquisa em Comunicação foi a ideia da incerteza (por um lado) como marca do pensamento comunicacional e a arte do encontro (por outro). A dúvida era o que estimulava o encontro e a conversa, que, por sua vez, requeria a circularidade, a vontade de sentido e o duro exercício de escuta coletiva.

Nestes encontros, nas poucas vezes que tomava a palavra, CMF sugeria que estudantes de graduação, pós-graduação, pesquisadores independentes e professores doutores tivessem o mesmo tempo de fala. O fundamento destes encontros era que não ocorressem os chamados GTs, ou Grupos de Trabalho, mas que todos ouvissem a todos. No primeiro encontro, em São Paulo (2012), éramos muitos, mais de cem pessoas vindas de locais distantes do país. O tempo de fala de cada um acabou ficando reduzido, apenas cinco minutos, e a frustração foi inevitável. Para CMF, no entanto, o importante era fazer a palavra circular, escutar os outros, perceber para qual direção

seguiam os estudos, enfim, girar à volta de um único problema: a Comunicação.

Sempre operando com autores clássicos e atuais, enfrentando temas diversos sob o recorte da “Filosofia da Comunicação”, CMF fazia desta postura a sua maneira de estar à vontade no campo. É por isso que a necessidade de recortar e abordar suas ideias a partir de um único prisma, nesse momento, nos conduz a escolher as noções do pensamento complexo.

## 2. Ciro e a teoria do caos

É a partir do conceito de “ruído” e de “auto-organização” que CMF pensa a formação dos sistemas complexos, como princípios de ordem e desordem articulados. Na formação dos sistemas complexos, a resposta da ordem ao surgimento de qualquer processo não linear ou de “fator desordenador” é quase sempre adaptativa. Isto implica um movimento em direção à “auto-organização” constante.

*Dos processos não-lineares passa-se à auto-organização. O que faz um coração resistir a diversas atribulações da vida (medo, pânico, depressão, choques) é sua capacidade de dar respostas a novas situações. Se tivéssemos um órgão ‘regular’ dentro do nosso corpo, não duraríamos nem algumas semanas, já que a carga que incide sobre ele varia de intensidade, força e constância. O coração é um órgão que administra a adversidade regulando suas respostas internas a ela. Essas adversidades podem ser chamadas de ruídos (Marcondes Filho, 2009, p. 18-19).*

O conceito de “ruído”, portanto, presente nas Teorias da Informação, era um velho conhecido de CMF. No entanto, seu interesse pelas ideias da não linearidade trata o ruído não mais como um novo “estado” de organização, “como em Hegel” (Marcondes Filho, 2009, p. 19), mas como “próprio movimento do processo”. Neste ponto, CMF refere-se ao biólogo Henri Atlan. A referência ao livro *Entre o cristal e a fumaça* (1992) não é por acaso. Atlan (1992) e Prigogine (1996, 1997, 1998a, 1998b, 2001) ajudam-no a pensar a vida, a sociedade e a comunicação em diferentes níveis de complexidade, não apenas como unidade, senão como *unitas multiplex* (unidade múltipla).

No entendimento desses diferentes níveis de complexidade haveria necessariamente aumento de informação. A noção de complexidade, portanto, significava, neste caso: “maior aumento de informação” (Marcondes Filho, 2009, p. 19). O entendimento desses níveis e volumes informacionais apontava para uma questão de ordem epistemológica e teórica da maior importância: “Nossa

<sup>2</sup> Trata-se, segundo as palavras de CMF, em seu *Dicionário da Comunicação* (2009), de uma opção de procedimento da pesquisa que não se confunde com a rigidez de um método. Pensar em movimento pelo instrumento da intuição sensível. O termo é proposto por ele em toda a trilogia NTC.

capacidade de entendimento dos processos e fenômenos está, assim, associada ao nosso próprio nível de complexidade, existindo fatos e acontecimentos que estão acima de nossa compreensão possível” (Marcondes Filho, 2009, p. 19).

Para ele, tal incapacidade compreensiva poderia passar pela questão do “inconsciente”, a “ilusão”, a “pretensão” racionalista de entendimento de mundo e o pretenso domínio racional. Tal incapacidade não seria, no entanto, um *déficit* de racionalidade, mas a possibilidade da razão conseguir formular um modelo de compreensão de sistemas complexos que incluísse não só tal incapacidade, como a indeterminação, a imprevisibilidade, o ruído e o acaso: “permitindo apreender nos próprios processos sua livre manifestação” (Marcondes Filho, 2009, p. 22). Ou seja, nossa reduzida capacidade de perceber, e sobretudo de “apreender” tais processos não lineares em sua “livre manifestação”, estaria associada, como ele notou, “ao nosso próprio nível de complexidade”.

Quase sempre um nível baixo, sabemos. Também sabemos que a teoria da complexidade repôs no teatro teórico a noção de “caos”, agora não mais entendida apenas como desordem, mas sim como um combo teórico: ordem-desordem-interação-auto-organização. Da antiguidade aos dias atuais, a noção de “caos” migrou da mitologia para a física, e CMF estudou sua metamorfose, viu semelhanças entre as propostas da física teórica e aquelas das teorias pós-modernas: “O caos aproxima-se, de fato, bastante das teorias desenvolvidas nos anos 80 e 90 pelos pensadores pós-modernos (mas em nossa opinião, os transcendem, aplicando-se também ao quadro social da sociedade informático-cibernética do novo século)” (Marcondes Filho, 2009, p. 27).

Com seus estudos, podemos dizer que CMF se inscreveu na corrente das repercussões filosófico-culturais da teoria do caos. Tratou a comunicação como complexidade, dúvida e incerteza, aproximou as ideias de Kurt Gödel, Michel Serres, Henri Atlan, Ilya Prigogine, Isabelle Stengers e Cornelius Castoriadis àquelas de Platão, Sigmund Freud, Friedrich Nietzsche, Gilles Deleuze, Jacques Derrida, Richard Rorty, Paul Ricoeur, Umberto Eco, Niklas Luhmann, Jean Baudrillard, Jürgen Habermas, Martin Heidegger, Peter Sloterdijk e Günther Anders, entre outros.

Em todo caso, o que caracterizava seu interesse neste conjunto de filósofos era antes a aposta na dúvida sistemática do que nas respostas provisórias. Ao observarmos a trilogia “Nova Teoria da Comunicação”, respectivamente, *O espelho e a máscara*, 2002 (Tomo 1); *O escavador de silêncios*, 2004 (Tomo 2) e *O princípio da razão durante*, 2010 (Tomo 3); o gigantismo do *Dicionário da Comunicação* (2009), e mesmo as obras menores como *Superciber: a civilização místico-tecnológica do século 21* (2009);

*A arte de envenenar dinossauros* (2014); *A comunicação do sensível* (2019), encontramos o seu interesse pela complexidade.

Em *O espelho e a máscara*, 2002 (Tomo 1), vemos o seu diálogo com Kurt Gödel e Ilya Prigogine; no *O escavador de silêncios*, 2004 (Tomo 2), quer entender “como se combina em Luhmann complexidade com sistema social e autopoiese<sup>3</sup>”; por fim, em *O princípio da razão durante*, 2010 (Tomo 3), o problema será a comunicação na filosofia na antiguidade clássica grega e oriental, repercutindo em Bergson e na fenomenologia. Nestas obras, construídas ao longo de oito anos de trabalho ininterrupto, o diálogo com o pensamento complexo consolidou seus interesses pela filosofia da comunicação, a epistemologia da ciência e a estética.

Será no *Superciber: a civilização místico-tecnológica do século 21* (2009), contudo, que ele trabalhará mais diretamente as noções-chave das teorias do caos: “a irreversibilidade e a auto-organização”, os “atratores estranhos”, a “imprevisibilidade, estruturas dissipativas, bifurcações”, a “imperfeição”, o “poético e o verdadeiro”, as “aplicações literárias”, o “sonho” e a questão da “reorganização”. Para ele, “uma realidade que se organiza como sistema regido pelo caos parece encontrar na literatura a melhor forma de descrição” (Marcondes Filho, 2009, p. 27). Isto quer dizer que não só a teoria quântica, mas a literatura e a arte de modo geral não percebem a realidade em sua precisão infinita e exata, mas nos limites especificados pelo princípio da incerteza. Cabe tanto à arte como à ciência e à filosofia trabalharem juntas em busca da compreensão da noção de “realidade”. Trata-se de esforço teórico sem precedentes: “captar o que for possível de seu modo de funcionamento, sem aspiração de esgotá-lo ou de conhecer inteiramente sua lógica” (Marcondes Filho, 2009, p. 29). Não é fácil ao pesquisador acessar tais níveis de compreensão: “Para captar esses acontecimentos estranhos, é preciso refazer da própria teoria uma coisa estranha” (Marcondes Filho, 2009, p. 30).

É nas narrativas literárias que CMF vai buscar alguns de seus exemplos para tratar a questão do caos, do contingente e do aleatório. Citando Jorge Luis Borges e seu conhecido conto “O jardim dos caminhos que se bifurcam”, ele chega à conclusão de que “a vida, para Borges, seria como um labirinto, e o caos, a ordem não

3 Para CMF, autopoiese é a lógica aplicada às ciências biológicas, segundo a qual os corpos criam a si mesmos, como, por exemplo, as células vivas, que pelo mecanismo de divisão celular dão origem a outros seres. A teoria da complexidade tenta corrigir esse desvio, afirmando que a retroalimentação (processo autopoietico) necessita dos fatores externos (ruídos) para atingir uma ordem superior e mais complexa. A interferência do ruído, assim, ao mesmo tempo que prejudica a ordem, permite sua reinstalação por força dos mecanismos autocorretivos do próprio sistema.

compreendida” (Marcondes Filho, 2009, p. 35). Prigogine também recorre a Borges (e a Italo Calvino) para pensar os conceitos de narração, tempo e bifurcação. Para ele, a literatura permite perceber o universo em sua capacidade de abertura e narração:

*Nós passamos de uma visão geométrica do universo, como as de Stephen Hawking e Einstein, para uma visão mais narrativa e histórica. Gosto de dizer que a natureza se parece com Sherazade. Ela nos conta uma história, depois outra, depois uma história cosmológica e a nossa própria história. Esse é o universo de um escritor, de um romancista (Prigogine, 1998, p. 1).*

A aproximação entre CMF e o pensamento complexo se justifica também na articulação constante que ele fazia entre a ciência, a filosofia e a arte. É justamente tal aproximação que amplia ou aumenta o volume informacional do conceito de Comunicação, dando-lhe uma “nova” perspectiva teórica. Seu interesse não só pela literatura, mas pela escultura, a fotografia, o cinema, o teatro e a atenção que dedicava às descobertas e avanços da ciência, sobretudo da cibernética, potencializavam sua filosofia da comunicação. A conjunção filosofia-ciência-arte aparece, portanto, em muitos dos 18 doutorados que orientou na ECA-USP, e nos últimos livros publicados. Vale destacar entre eles, o último, *Comunicação do sensível* (2019), em que volta à literatura “como exemplo” da “alternativa entre prazer e fruição”. Nos últimos tempos, voltou-se também para o “jornalismo literário”, apostando que a literatura poderia ser capaz de infundir novo entusiasmo nos estudos do Jornalismo.

A meu ver, para ele o Jornalismo há muito parecia ter se esfacelado. Aos seus olhos parecia que o Jornalismo havia se dispersado, se aburguesado definitivamente, se perdido em um caminho sem volta na defesa de conservadorismos e liberalismos. Depois de anos seguidos virando e revirando o campo, as técnicas e conceitos do jornalístico, CMF parece ter preterido tal esfera em favor daquela da Comunicação. Para epígrafe de *Superciber: a civilização místico-tecnológica do século 21* (2009), ele escolheu uma frase que gostava de repetir em suas aulas, uma frase de Millôr Fernandes: “E dizer que foram necessários milhares de anos de evolução da espécie para fazer um animador de televisão”.

### 3. Razão durante e razão complexa

Convém neste ponto destacar o esforço de CMF em aproximar sua “razão durante” do pensamento complexo. No texto “A razão durante: o movimento como substância

das fronteiras”, surgem os tópicos: “Fumaça e cristal”; “Ordem: uma herança teológica”; “Precedência das ambiguidades”; “Um quase-método”; “O princípio da razão durante” e “A extravida do ‘depois’”, que ilustram e sintetizam seu movimento para a complexidade, o caos, a desordem, os acasos, as incertezas, os desconhecidos, as impermanências, os fluxos, as brechas e as poesias.

A noção bergsoniana de “duração” se faz presente em seu pensamento como “razão” imprecisa, provisória, momentânea, embora cheia de “élan vital” e “movência”. CMF preferiu pensar a “duração” aproximando-a da preposição “durante”, no sentido daquilo que se expressa num determinado período de tempo e do espaço, em dado momento, numa circunstância, momento ou situação. Em seu *Princípio da razão durante* (2010), parte da antiguidade clássica, sobretudo os pré-socráticos, passa pelos chineses, egípcios, o hinduísmo, o budismo, o bramanismo, até chegar ao pensamento francês, em Henri Bergson e na fenomenologia. Faz um longo percurso na tentativa de revelar como o “movente” é o que “dura”.

Estava em Heráclito a lógica desse “movimento perpétuo”, diz ele, originalmente formulada por Anaximandro, que encontrava na proposição de choque dos contrários sua elaboração mais abrangente e finalizada. Tratava-se de um “Logos” entendido como “Força e Sabedoria”, em que “tudo flui” (“panta rei”). Tudo o que está vivo está em fluxo, possui trocas internas, força de impulso, pequenas e grandes flutuações. Falando sobre sua razão durante, CMF a aproximou explicitamente de Heráclito:

*Nossa proposição teórica e epistemológica instala-se na confluência das duas posições, na captação do princípio que está no pensamento de Heráclito, na afirmação dos processos e na possibilidade de sua apreensão somente e enquanto processos. Na busca de reconhecimento do movimento, da instabilidade, da oscilação em seus múltiplos níveis. Não se trata de radiografar a lógica do movimento, como tentou fazer o estruturalismo, congelando processos; trata-se antes de filmar, operar junto, dançar no compasso e na mesma velocidade (Marcondes Filho, 2014, p. 69).*

Retomaremos a seguir algumas premissas da complexidade pensadas e associadas à sua “razão durante”, expostas no “A razão durante: o movimento como substância das fronteiras”, publicado no *A arte de envenenar dinossauros* (2014), texto originalmente escrito em setembro de 2000 e dedicado a Edgard de Assis Carvalho, coordenador do Núcleo de Estudos da Complexidade (PUC-SP), tradutor de Michel Serres e Edgar Morin, no Brasil. As premissas são as noções anteriormente citadas: “Fumaça

e cristal”, “Ordem: uma herança teológica”, “Precedência das ambiguidades”, “Um quase-método”, “O princípio da razão durante” e “A extravida do ‘depois’”.

Nesta aproximação com o pensamento complexo, CMF parte da fórmula de Henri Atlan resumida nas imagens do “cristal e da fumaça” (1992). “Cristal” e “fumaça” são dois polos, duas imagens (duas metáforas, portanto) da matéria física. Com Atlan, CMF concorda que o movimento turbilhônico torna-se mais pertinente que o fluxo regular; que o movimento não linear impõe-se e sobrepõe-se ao linear; que o pêndulo, antes símbolo da exatidão matemática do movimento oscilatório regular, torna-se “exceção”, parte menor e menos atraente do que as trajetórias incertas e aleatórias dos pêndulos de duplo plano<sup>4</sup>; e que, a partir do pensamento complexo, opera-se

*[...] uma virada radical no princípio da lógica científica: o que prevalece agora não é a busca das regularidades, das repetições, dos processos constantes, e, portanto, daquilo sobre o qual o homem se torna senhor na natureza. De agora em diante, os cientistas passam a ficar despetos aos processos e à sua liberdade, à indeterminação, à imprevisibilidade, a tudo o que foge dos mecanismos uniformes e, desta forma, causa estranheza (Marcondes Filho, 2014, p. 64).*

Ou seja, para ele, à epistemologia clássica e seu posicionamento de excluir do campo do conhecimento os saberes que não se submetiam a seus critérios lógicos, formais e empírico-rationais, advieram as formulações do caos (Henri Poincaré), a teoria quântica (Werner Heisenberg e Niels Bohr), a teoria da incompletude (Kurt Gödel) e as novas lógicas que se firmaram na metade do século 20. A dependência hipersensível às condições iniciais, a lógica da complexidade, da auto-organização e da auto-poiese, entre outras, instituem modelos intermediários nas fissuras do determinismo clássico.

Assim, a ideia de movimento não pode ser minimizada ou excluída na observação dos fenômenos físicos, sociais e subjetivos, pois todos os organismos vivos estão em movimento, seja ele sistêmico, caótico ou periódico. A noção de “ordem” deve incorporar aquela do movimento como algo inerente a qualquer sistema.

4 Um pêndulo de duplo plano – trata-se de um pêndulo que é acelerado na extremidade oscilante de um outro pêndulo, anterior a ele, cuja trajetória pôde ser facilmente calculada com equações lineares diferenciais; embora siga leis newtonianas de movimento, da mesma forma que o pêndulo simples, não permite que se preveja a evolução como sistema duplo acoplado.

*A corrente mais conservadora da teoria do caos acredita que sempre haja uma ordem escondida por trás dos processos caóticos e que ela necessariamente emergirá num determinado momento. A corrente dita “menos conservadora”, a de Ilya Prigogine, acredita que a ordem é algo que se instala no sistema a partir de uma intervenção externa, por meio dos ruídos, que exigem que o sistema reaja e encontre sua nova forma, mais complexa, na sua própria auto-organização (Marcondes Filho, 2014, p. 64).*

O conceito de ordem é uma criação humana e equivale à busca da noção de coerência. O que rege (aparentemente) a natureza, como já afirmou a segunda lei da termodinâmica<sup>5</sup>, parece ser, ao contrário, a alta tendência à desordem<sup>6</sup>. Paul Watzlawick (1988) fala que vivemos constantemente em múltiplas realidades e que é um mito acreditar na existência de uma única. A física quântica apresenta os exemplos mais contundentes dessa impossibilidade de confiar nos nossos instrumentos de medição, ao afirmar que é a consciência dos homens o que determina os fenômenos metodológicos.

Os físicos quânticos afirmam que a manifestação de um determinado fenômeno é absolutamente imprevisível até advir a interferência do observador. A intervenção do observador provoca e modifica aquilo que é observado. Tais sentenças põem em xeque qualquer ilusão de certeza a partir de metodologias e medições. Esta crítica metodológica remete necessariamente às “proposições indecidíveis”<sup>7</sup> de Kurt Gödel (1979), segundo as quais nenhum sistema poderá ser ao mesmo tempo completo e consistente. Transposto para o plano dos fenômenos sociais ou culturais, significa dizer que nenhum método, se quiser ser preciso (e consistente), poderá sê-lo se pretender ser capaz de explicar todos os fenômenos. Há limites e níveis de explicação, ou seja, planos que estão logicamente acima desses mesmos métodos e só estes têm condições de explicá-los.

Na difícil busca de entendimento dessas complexidades, e na difícil tarefa de encontrar um “método” que se adequasse ao pensamento comunicacional, e que tal pensamento soubesse lidar com as transformações da ciência, e ser capaz de incorporar fatos extracientíficos na investigação, CMF pensou procedimentos sofisticados

5 A entropia é a segunda lei da termodinâmica. É a medida de energia não disponível para a realização de um trabalho.

6 A ordem, tão frequentemente associada ao progresso científico, não é uma propriedade intrínseca da realidade, mas um construto instável, imposto pela variedade de outros discursos, incluindo a teologia, a história e a política.

7 Em 1931, aos 25 anos, Kurt Gödel conseguiu demonstrar que, no âmbito de um sistema rigorosamente lógico, é possível formular proposições “indecidíveis”, isto é, que não podem ser provadas ou negadas.

de controle, a que chamou de “quase-método”. Estes procedimentos passam pela necessidade de “se romper as fronteiras dos campos do conhecimento” (Marcondes Filho, 2014, p. 68), ou seja, o pensamento deveria ser nômade, o que significa liberdade, “poder transitar por todas as áreas sem preocupação de fronteiras e de limites territoriais do saber” (Marcondes Filho, 2014, p. 68). Caberia também ao cientista saber “contar histórias”. Ou seja, para ele,

*Uma teoria científica é uma narrativa e nesse aspecto a ciência aproxima-se da ficção; é igualmente um relato. Da mesma forma, a literatura pode igualmente dar apoio às ciências exatas ou sociais. Tem sido habitual, especialmente nos Estados Unidos, o uso de narrativas literárias para ilustrar, exemplificar e melhor esclarecer conceitos da teoria do caos, da complexidade (Marcondes Filho, 2014, p. 68).*

A percepção de que o real é necessariamente múltiplo, complexo, um emaranhado de diferentes tendências, fluxos, movimentos, histórias etc., e a observação, a partir de Gilles Deleuze, ao discutir a possibilidade do sentido, de que este está “na fronteira” e não nas alturas e profundidades, levaram CMF a pensar o “entre”. O “entre” da fronteira implica uma mudança espacial, às vezes, do íntimo e familiar para um horizonte diferente, um espaço estrangeiro, desconhecido, em que o risco e confronto indicam a possibilidade de erro. É na instabilidade, no movimento e na imprevisibilidade das fronteiras, no jogo com o incerto, que se instala um tipo de compreensão complexa do mundo, da vida e da comunicação. Por isso, a razão durante busca captar o movimento do pensamento, capturá-lo em sua errância, em seu deslocamento vital, em seus momentos metapóricos.

Por fim, ao pensar a “extravida do ‘depois’”, CMF escreveu acerca da relação da vida com a morte, e novamente sobre a incerteza, instabilidade, o que não se instituiu, e que ainda guarda a naturalidade das vibrações, “daquilo que a simbolização, as instituições, a classificação ainda não esterilizou” (Marcondes Filho, 2014, p. 71-72). Essas palavras lidas hoje, após o desencarne de CMF, são um convite à reflexão:

*Toda ciência cristaliza-se em artigos, teses, documentos, livros. São formas de registro e todo registro é necessariamente um documento final, um testemunho de morte, pois ali a coisa já não vive. Já não há mais a pulsação, a instabilidade, a provisoriade, o incerto que caracteriza todos os espaços da razão durante. Tem-se, ao contrário, a cristalização, a transformação em algo perene e imutá-*

*vel. Mas assim são também os filmes, as fitas gravadas, sem contar os testemunhos mais antigos da civilização, as obras da literatura, da filosofia, do teatro, da pintura, que apesar de serem registros ainda nos comovem. É preciso, portanto, distinguir entre o que se entende aqui por “vivo”. Há um vivo orgânico, marcado pela permanência da energia vital, pela força que move, pela transformação advinda do envelhecimento; é o mesmo vivo da razão durante, dos espaços intelectuais das discussões, dos fenômenos estranhos que se procura captar com nossas armadilhas epistemológicas, o vivo que nos surpreende, que se auto-organiza para aumentar seu nível de complexidade, o vivo da pulsação, do élan vital, o vivo tanto dos seres orgânicos (que atravessam todos os estágios da vida reprodutiva e mesmo cuja morte dá origem ao aparecimento de outros seres vivos, num ciclo contínuo da natureza) como dos fenômenos físicos e sociais. Mas há uma extravida nos objetos mortos, nos processos de registro do ser vivo, nos sistemas estéticos e culturais de preservação. As obras de arte, a literatura, os registros em banda sonora, em películas, em arquivos digitais recuperam um plano da atividade vital e o perenizam: se trata não mais, evidentemente, da dimensão inusitada, inesperada, surpreendente. Aquela que marca o novo, o jamais tido ou conhecido antes. Se trata, isso sim, da dimensão que se aloja nesses objetos e sua capacidade metonímica de se transferir a nós, seres vivos. Há como que uma extravida, uma repercussão “fantasmagórica” de todos esses objetos sobre nós, simulando os efeitos da vitalidade real. Mas nem por isso são menos estimulantes, envolventes, transformadores. O único fato é que dos processos mortos só emanam sinais conhecidos, que se misturam com nossos sinais presentes e os transformam; funcionam, da mesma forma, como os repertórios dos cientistas antes de se envolverem em procedimentos da razão durante. Lhes falta, isso sim, o pôr em contato, o ato de mesclar esses sinais com sinais vivos num movimento único em que tudo se transforma. A grande vantagem das vivências puras, não-cristalizadas, não registradas, é que elas ainda não são nada, não ganharam nome nem consagração, não viraram mitos nem clássicos, e por não serem coisa alguma guardam essa pureza do ato livre, descomprometido, cambiável, jovial. O princípio da razão durante é a tentativa de trabalhar com o que não se instituiu, que guarda a naturalidade das vibrações, dos ventos, dos ecos perdidos, dos rumores desconcentrados: daquilo que a simbolização, as instituições, a classificação ainda não esterilizou, daquilo que não perdeu sua força, que dança por espaços não esquadrinhados, que é energia, tônus, vivacidade, animação, força vital. É a história construindo cada vez novas formas, novos estilos, novos temas mas que remetem, num alucinante jogo de alternâncias e*

*recorrências, à recolocação das questões vitais: dominação, conflito, prazer, esperança e trabalho (Marcondes Filho, 2014, p. 71-72).*

#### 4. Conclusão

Apostar na ideia de Comunicação como campo de complexidade é a proposta implícita e subjacente à razão durante de CMF. Em sua Filosofia da Comunicação, ele tentou bravamente articular ciência e arte, mito e logos, razão e intuição, sujeito e objeto, filosofia e incerteza, antiguidade e pós-modernidade, metodologia e metáfora, comunicação e incomunicação, sempre apoiado pela noção de movimento, instabilidade, ruído e auto-organização. Em certo sentido, sua razão durante era um desdobramento lógico da razão complexa ou uma extensão desta. Enquanto aproximava sua filosofia da arte e de uma “comunicação do sensível”, também a aproximava de uma teoria científica entendida como narrativa, relato e, neste sentido, ficção. A arte e a literatura podiam servir de apoio compreensivo às ciências exatas ou sociais, e, de modo geral, o cinema, a música, a pintura, o teatro, a poesia e a literatura facilitavam o entendimento dos conceitos da teoria da complexidade e a ideia de uma “ordem por flutuação”.

Um dado curioso no pensamento de CMF com o pensamento complexo é o seu completo desinteresse pela obra e as ideias de Edgar Morin. Mesmo dialogando intensamente com tradutores e estudiosos do pensamento moriniano no Brasil, ele pouco falou e escreveu sobre o francês centenário. E, estranhamente, ambos eram próximos na concordância com a superação das fronteiras disciplinares entre os conhecimentos; a clausura da filosofia nos Departamentos de Filosofia das universidades; a aposta no poético, no estético e no acontecimento comunicacional como algo que está para além da “simbolização”, das “instituições”, da “classificação”, que “ainda não esterilizou”, não foi domesticado, aquilo “que não perdeu sua força, que dança por espaços não esquadrihados, que é energia, tônus, vivacidade, animação, força vital”.

#### Referências

- ATLAN, Henri. 1992. *Entre o cristal e a fumaça*. Rio de Janeiro, Zahar.
- BOHR, Niels. 1995. *Física Atômica e conhecimento humano*. Rio de Janeiro, Contraponto.
- GÖDEL, Kurt. 1979. *O Teorema de Godel e a Hipótese do Contínuo*. Lisboa, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.
- HEISENBERG, Werner. 1996. *A parte e o todo*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Contraponto.
- MARCONDES FILHO, Ciro. 1990. Comunicação ano zero. *Comunicação & Política: Uma Revista da América Latina*, São Paulo, 9(11):59-60, abr./jun.
- MARCONDES Filho, Ciro. 2005. Michel Serres e os cinco sentidos da comunicação. *Novos Olhares*, ECA-USP, n. 16, segundo semestre.
- MARCONDES FILHO, Ciro. 2002. *O espelho e a máscara – O enigma da Comunicação no caminho do meio*. Nova Teoria da Comunicação. Tomo I. São Paulo, Ed. Paulus.
- MARCONDES FILHO, Ciro. 2004. *O escavador de silêncios – formas de construir e de desconstruir sentidos na Comunicação*. Nova Teoria da Comunicação. Tomo II. São Paulo, Paulus.
- MARCONDES FILHO, Ciro. 2010. *O princípio da razão durante*. Nova Teoria da Comunicação. Tomo III. São Paulo, Ed. Paulus.
- MARCONDES FILHO, Ciro. 2019. *Comunicação do sensível*. São Paulo, Ed. ECA-USP. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/368/324/1332-1>
- MARCONDES FILHO, Ciro. 2009. *Superciber: a civilização místico-tecnológica do século 21*. São Paulo, Ed. Paulus.
- MARCONDES FILHO, Ciro. 2014. *A arte de envenenar dinossauros*. Brasília, Ed. Casa das Musas.
- MARCONDES FILHO, Ciro. 2009. *Dicionário da Comunicação*. São Paulo, Ed. Paulus.
- PRIGOGINE, Ilya. 1998a. *In: Caderno de Ideias. Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 nov., p. 1.
- PRIGOGINE, Ilya; STENGERES, Isabelle. 1997. *A nova aliança*. Trad. Miguel Faria *et alii*. Brasília, Ed. UnB.
- PRIGOGINE, Ilya. 1996. *O fim das certezas*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo, Unesp.
- PRIGOGINE, Ilya. 1998b. *A sociedade em busca de valores*. Trad. Luis C. Feio. Lisboa, Instituto Piaget.
- PRIGOGINE, Ilya. 2001. *Ciência razão e paixão*. Trad. Edgard de Assis Carvalho *et alii*. Belém, Eduepa.
- WATZLAWICK, Paul (org.). 1988. *L'invention de la réalité: Comment savons nous ce que nous savons?* Paris, Ed. Seuil.

Artigo submetido em 17-12-2020

Aceito em 17-10-2021